

A MISSÃO NOS DOIS PRIMEIROS SÉCULOS DO CRISTIANISMO

*Vital Corbellini**

Resumo

Este artigo trata da missão como anúncio de Jesus Cristo aos povos num determinado tempo: os primeiros dois séculos. Esse período é importante, porque se colocaram as bases da missão que provinha do Oriente, mas que se espalhou pouco a pouco na Ásia, Europa e África do Norte. Diversos motivos proporcionaram a conversão à doutrina cristã nos povos, bem como muitas pessoas se empenharam em divulgar a pessoa de Jesus Cristo.

PALAVRAS-CHAVE: Missão. Cristianismo. Jesus Cristo. Discípulos. Martírio. Verdade e liberdade.

Abstract

This article deals with the mission as announcement of Jesus to the peoples of the third century. It is an important period because then were put the bases of the gospel come from East but gradually invaded Asia, Europe and North Africa. A great part of the people on account of different reasons has accepted the Christian doctrine and helped to make known Jesus.

Keywords: Missio. Christianis. Jesus Christ. Disciple. Martyrdom. Truth, freedom.

Introdução

Iluminados pela Palavra de Deus e impulsionados pela Conferência de Aparecida, no momento atual fala-se, com muita alegria e disposição de espírito, sobre o discipulado e a missão na Igreja e no mundo. A Igreja é

* Professor de História da Igreja Antiga e de Patrologia na FATEO – PUCRS.

<i>Teocomunicação</i>	Porto Alegre	v. 38	n. 159	p. 18-36	jan./abr. 2008
-----------------------	--------------	-------	--------	----------	----------------

discípula e missionária de Jesus Cristo. Se essas doutrinas nunca foram menosprezadas, elas ganham novo teor neste período histórico em que se realça a necessidade da missão continental. O seguidor e a seguidora de Jesus anunciam aos outros as maravilhas do Reino de Deus, a alegria de conhecer o Senhor e de estar com ele. Ora o conhecimento exige a abertura para o outro, o novo, o diferente. Esses temas estavam também presentes nos primeiros tempos do cristianismo. Eles ganharam sua consideração, porque a pessoa, uma vez convertida, proclamava aos outros as maravilhas de Deus em Jesus acontecidas nela. É importante fazer uma análise de como esses dados foram vivenciados, proclamados por muitas pessoas que se encantaram pela missão cristã.

1 Uma visão geral da missão a partir de escritores cristãos

Esse período (os primeiros dois séculos) firma a missão em quase todos os cantos do Império Romano. As pessoas vão divulgando a mensagem de Jesus aos pagãos, de modo a constituir seguidores e comunidades. A missão é mais urbana que rural, dando-se mais no Oriente que no Ocidente. Pelos autores cristãos há notícias de algumas comunidades onde já havia serviços próprios, como os diáconos, os presbíteros, os bispos, e muitos leigos e leigas comprometidos.

No primeiro século, a divulgação do cristianismo é mais interna da comunidade, mas ela também vai ao encontro dos pagãos, dos gregos e do mundo romano. Clemente Romano escreveu, no final do primeiro século, para os Coríntios, exortando-a para unidade, uma vez que houve ali uma revolta contra os dirigentes da comunidade, presbíteros e bispos, os assim “eleitos de Deus”. Ele diz que o nome venerável deles ficou comprometido¹. Dessa forma, o bispo de Roma conclama os insensatos e arrogantes, que fizeram essas coisas, para que pratiquem as virtudes da paz, do amor. Exemplos diversos de inveja são colocados na antiga aliança, onde uma pessoa perseguia a outra. Para isso é preciso o arrependimento, a obediência e a fé em Cristo Jesus, como fizeram os grandes patriarcas. Ele tem presente, sobretudo Cristo, que veio a este mundo para servir e ajudar as pessoas a se encontrarem na alegria e no amor. “Ele carrega nossos pecados e sofre por nós. E nós o contemplamos entregue ao sofrimento, à dor e aos maus-

¹ Cf. Primeira carta de Clemente aos Coríntios, 1, 1. In: *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995.

tratos. Ele foi ferido por causa de nossos pecados e maltratado por causa de nossas iniquidades”². A comunidade deve voltar à harmonia. Este escrito fala da sucessão apostólica onde os apóstolos receberam do Senhor Jesus Cristo. Repletos da certeza da ressurreição de Jesus e fortificados pela força do Espírito Santo, eles pregavam pelos campos e cidades, instituindo nesses locais bispos, presbíteros e diáconos. Eles receberam esse ministério do Senhor Jesus de modo que não era “justo demiti-los de suas funções”³.

Em Inácio de Antioquia há notícias, pelas suas cartas, da missão que prosseguia pelo mundo afora. Ele estava vindo de Antioquia para ser julgado em Roma e aproveitou para escrever cartas às comunidades cristãs. Em todas, ele admoestava os fiéis para andarem juntos com as exortações de seus bispos; sem isso não se poderia realizar nada no que diz respeito à Igreja⁴. Na sua visão, os bispos eram a imagem do Pai, os presbíteros, a assembléia dos apóstolos, e os diáconos a imagem de Jesus Cristo⁵. Ele deseja que todos trabalhem pela unidade da Igreja diante dos gnósticos, docetas ou mesmo judaizantes. Essa unidade é dada também pela eucaristia, pelo fato de ter uma só carne em Jesus Cristo, um só cálice, e um único altar⁶. Uma comunidade estava em seu coração: “aquela dos Romanos”, para que não impedisse o martírio. Ele dizia: “Não desejeis nada para mim, senão ser oferecido em libação a Deus, enquanto ainda existe altar preparado, a fim de que, reunidos em coro no amor, canteis ao Pai, por meio de Jesus Cristo”⁷. Pelo martírio ele queria ser trigo de Deus e moído pelos dentes das feras para, dessa forma, ser apresentado como trigo puro de Cristo⁸.

Nesse período, ganhou muito estima a figura de Policarpo, bispo de Esmirna. Sem dúvida, ele influenciou a sua comunidade na fé e na organização dos serviços eclesiais e sociais. A missão estava bastante presente e era algo consciente nos discípulos de sua comunidade. Dele nós também temos uma carta dirigida aos Filipenses, onde ele coloca o dever dos esposos, das viúvas, dos diáconos, dos jovens e dos presbíteros⁹. Essa

² Cf. *Idem*, 16, 1-5.

³ Cf. *Ibidem*, 44, 3.

⁴ Cf. Inácio aos Esmirniotas, 8, 1. In: *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995.

⁵ Cf. Inácio aos Tralianos, 3, 1.

⁶ Cf. Inácio aos Filadelfienses, 4.

⁷ Cf. Inácio aos Romanos, 2, 2.

⁸ Cf. *Idem*, 4, 1.

⁹ Cf. Policarpo aos Filipenses, 4-6. In: *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995.

comunidade é chamada a orar pelos reis, autoridades e príncipes, por aqueles que os perseguem, os odeiam e pelos inimigos da cruz¹⁰. No seu martírio, os pagãos e os judeus o identificaram como o mestre da Ásia, o pai dos cristãos, o destruidor de seus deuses¹¹. Esse aspecto dá a entender que a evangelização, a propagação da missão feita por ele e os seus seguidores estava bem-divulgada em toda a região da Ásia Menor. Ele foi uma pessoa de muita fé em Jesus Cristo de modo a morrer por ele. Prova disso foi a sua resposta diante do chefe da polícia que insistia em que renegasse a sua fé. Ele replicou: “Eu o sirvo há oitenta e seis anos, e ele não me fez nenhum mal. Como poderia blasfemar o meu rei que me salvou?”¹²

No II século, o cristianismo se estabeleceu sempre mais nas cidades e também na campanha. Ele era proclamado junto ao povo pagão, através de pessoas simples e de mestres, que fundavam escolas em vista da conversão cristã. Um desses foi Justino do qual encontram-se dados importantes a respeito da missão. Ele veio da Palestina e habitou em Roma, fundando uma escola para catecúmenos, pessoas iniciantes na vida cristã. Escreveu algumas obras, dirigindo-as às autoridades para esclarecimento da doutrina cristã e procurou defender os cristãos pelo fato de serem perseguidos só pelo nome. Na realidade, (o nome) não significa elogio ou reprovação, mas demonstração de algo virtuoso ou vulnerável. Quando alguém nega, com a palavra, ser cristão, as autoridades o colocam em liberdade, mesmo que ele não tenha feito crime, porém quem confessa ser cristão é castigado¹³. Ele diz que os cristãos são ateus dos deuses dos pagãos, mas não “do Deus verdadeiríssimo, pai da justiça, do bom senso e das outras virtudes, no qual não há mistura de maldade. A ele e ao Filho, que dele veio e nos ensinou tudo isso, ao exército dos outros anjos bons, que o seguem e lhe são semelhantes, e ao Espírito profético, nós cultuamos e adoramos, honrando-os com razão e verdade, e ensinando, generosamente, a quem deseja sabê-lo, a mesma coisa que aprendemos”¹⁴. Justino tem presente a prática da vida cristã junto aos pagãos.

Os cristãos, segundo Justino, consideram-se pessoas novas em Jesus Cristo, porque eles o seguem em suas ações. Se, antes, eles se compraziam

¹⁰ Cf. *Idem*, 7-8.

¹¹ Cf. Martírio de São Policarpo, 12, 2. In: *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995.

¹² *Idem*, 9, 3.

¹³ Cf. Justino de Roma. *I Apologia*, 4, 3-6. São Paulo: Paulus, 1995.

¹⁴ *Idem*, *I Apol.*, 6.

na dissolução, agora abraçam a temperança; se, antes, eram entregues às artes mágicas, agora procuram consagrar-se ao Deus bom e ingênito; se, antes, amavam o dinheiro e as rendas de seus bens, agora em comum são colocadas as coisas que possuíam e uma parte é dada aos necessitados; se, antes, se odiavam e, às vezes, chegava-se à morte, agora, pela aparição de Cristo, vivem juntos, rezam pelos inimigos e tentam persuadir aqueles que os aborrecem injustamente, para que assim mais pessoas vivam os conselhos de Cristo, tenham boas esperanças para alcançar de Deus, como os cristãos, os seus bens¹⁵.

Ora, os cristãos não eram pessoas violadoras de deveres sociais. Segundo Justino, eles pagavam os tributos e contribuições, antes dos próprios pagãos nos lugares estabelecidos por eles, porque assim foi ensinado por Cristo Jesus¹⁶. A adoração é dada somente a Deus, de modo que ele seja louvado sobre todas as coisas; no entanto os cristãos procuravam estimar as pessoas encarregadas de dirigir os destinos do Império como imperadores e governantes, para que assim eles pudessem ter um prudente raciocínio¹⁷.

A missão prossegue em meio às dificuldades e alegrias pela fé que as pessoas manifestavam em Deus. Para Justino, por tudo o que é realizado na comunidade, bendiz-se o “Criador de todas as coisas, por meio de seu Filho Jesus Cristo e do Espírito Santo”¹⁸. Através desse autor, sabe-se, desde o início do II século, que os cristãos encontravam-se no domingo, dia do Senhor, para a celebração eucarística e a continuidade da vivência da palavra de Jesus em suas vidas. No primeiro dia da semana, ou o dia do Sol, celebrava-se um encontro daqueles que moravam, seja nas cidades, seja nos campos, e lêem-se as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas. O presidente faz uma admoestação e logo em seguida todos se levantam e elevam preces a Deus. Oferece-se pão, vinho, água, e o presidente faz subir a Deus suas preces e ações de graças. Em seguida, há a distribuição e participação de cada um dos alimentos consagrados pela ação de graças e seu envio aos ausentes, através dos diáconos. Havia também, nessas reuniões, a entrega de coisas, a partilha. Aqueles que possuem e gostam de livremente ajudar as pessoas, davam o que apreciavam. Tudo era recolhido

¹⁵ Cf. *Idem, I Apol.*, 14, 1-3.

¹⁶ Cf. *Idem, I Apol.*, 17, 1.

¹⁷ Cf. *Idem, I Apol.*, 17, 3.

¹⁸ *Idem, I Apol.*, 67, 2.

e entregue ao presidente. Este não guardava nada para si, mas era distribuído a órfãos e viúvas, aos que passavam por necessidades, aos que estavam nas prisões, forasteiros, e todos os que se aproximavam da comunidade para receber alguma ajuda¹⁹.

Se Justino deu maior realce à eucaristia, ele também tinha presente o batismo visto como iluminação e regeneração. “Todos os que se convencem e acreditam que são verdadeiras essas coisas que nós ensinamos e dizemos, e prometem que poderão viver de acordo com elas, são instruídos, em primeiro lugar, para que com o jejum orem e peçam perdão a Deus pelos seus pecados e nós oramos e jejuamos com eles”²⁰. Logo em seguida, os catecúmenos são conduzidos a um lugar onde haja água e, pelo banho de regeneração, eles são regenerados, tomando o banho em nome de Deus Pai, de nosso Salvador Jesus Cristo e do Espírito Santo²¹.

Justino reconhece também que o Verbo (*Lógos spermatikós*) semeou sementes da verdade em outros povos, de modo que a missão foi acontecendo anteriormente pela ação divina e humana. Assim todos aqueles que viveram as normas do Verbo estão ligados a ele, ou mesmo os filósofos que buscaram a verdade e não a puderam perceber na sua integridade, viveram as normas do cristianismo. Se a verdade está no cristianismo, segundo Justino, eles a contemplaram, em parte, e por isso estão ligados aos bens do Senhor Jesus. Dessa forma, esse autor do segundo século foi muito feliz em colocar a missão como obra de Deus em meio ao mundo pagão, onde a Igreja estava sempre mais ganhando forças.

Ainda no final do II século, a missão sofreu perseguições ferozes, com mártires em Lião, lá pelos anos 177-178, sob o Imperador Antonino Vero. Foram diversos cristãos que passaram por muitas provações. Eusébio de Cesaréia relata os acontecimentos em seu Livro V. Ele diz que os confessores eram presos como cristãos, porém não havia motivo para acusação. Eles estavam “alegres diante do martírio”²². Cristo foi exaltado nos mártires, porque confessavam a sua fé e testemunhavam em favor de Jesus. Pelo fato de terem a esperança na ressurreição, estavam dispostos a desprezar os suplícios, enfrentar a morte com alegria²³. Eles tinham a

¹⁹ Cf. *Idem*, *I Apol.*, 67, 3-6.

²⁰ *Idem*, *I Apol.*, 61, 2.

²¹ Cf. *Idem*, *I Apol.*, 61, 3.

²² Eusébio de Cesaréia. *História Eclesiástica*, V, 1, 33-34.

²³ Cf. *Idem*, V, 1, 63.

consciência de que o título de mártir é dado só a Cristo, o mártir fiel e verdadeiro, o primogênito dentre os mortos, o príncipe da vida divina (cf. *Ap* 3, 14; *Cl* 1, 18; *Ap* 1, 5; *At* 3, 15)²⁴. Alguns, no entanto, não se tornaram mártires, de sorte que foram chamados de confessores os que não conseguiram chegar ao martírio, mas não negaram a sua fé. Dessa forma, eles diziam: “Já são mártires os que Cristo se dignou levar durante sua confissão, após ter gravado neles, pela morte, o selo do martírio. Quanto a nós, somos apenas pequenos e humildes confessores”²⁵.

No final do II século, sob o reinado de Marco Aurélio (161-180), Eusébio narra algo importante acontecido antes de uma batalha desse Imperador numa província da Germânia. As suas tropas estavam em linha de batalha contra os germanos e sármatas. Essas (as tropas), no entanto, estavam impossibilitadas de combater por causa da sede que atormentava os soldados. Os soldados da legião chamada melitena puseram-se de joelhos em terra e dirigiram súplicas a Deus. Os inimigos ficaram espantados. Porém, a surpresa aconteceu: uma tempestade pôs em fuga os inimigos, enquanto a chuva dava novas forças ao exército daqueles que invocaram a divindade, pois corriam o risco de morrer de sede²⁶. Eusébio diz que outros historiadores falam dessas coisas, considerando o fato maravilhoso, mas não colocam que foi em conseqüência da oração dos soldados cristãos. O próprio Imperador Marco Aurélio atesta que o seu exército não pereceu da falta de água por intermédio das preces dos cristãos²⁷.

Eusébio relata também os prodígios de Panteno, filósofo convertido ao cristianismo, sendo um grande divulgador do mesmo. Ele coordenou a Escola de Alexandria, sendo estudioso da palavra divina. Antes, ele fora missionário em terras do Oriente. Oriundo da Escola dos estóicos, foi um arauto do evangelho de Cristo, nas nações do Oriente, tendo ido até às terras das Índias. Naquele tempo, havia numerosos evangelizadores da palavra, empenhados em imitar os apóstolos, com o objetivo da propagação e implantação da palavra divina. Naquelas terras, o evangelho de Mateus chegara por alguns habitantes da região, de modo que eles tinham algum conhecimento de Jesus. Eusébio tem presente que Bartolomeu, um dos apóstolos, teria pregado e deixado em hebraico o escrito de Mateus²⁸.

²⁴ Cf. *Ibidem*, V, 2, 3.

²⁵ *Ibidem*, V, 2, 3.

²⁶ Cf. *Ibidem*, V, 5, 1-2.

²⁷ Cf. *Ibidem*, V, 5, 6.

²⁸ Cf. *Ibidem*, V, 10, 3-4.

Com Cômodo (180-192), Eusébio diz que a situação dos cristãos melhorou mais ainda. “Com a graça de Deus, a paz se difundiu pelas Igrejas em toda a terra habitada”. A palavra do Salvador conduzia as pessoas ao culto do Deus do universo, sendo que um bom número dentre os romanos procurava viver a doutrina do Messias em sua casa e com toda a sua família²⁹.

2 O significado e a identificação da missão cristã no Império – Causas da conversão cristã

A missão é dom e graça de Deus; no entanto, necessita de um contexto, de uma cultura, para crescer e para se desenvolver. Em sua divulgação, pode ocorrer a repulsa, a recusa diante de sua proclamação.

Um fato essencial é que a missão aconteceu no Império romano que não era a-religioso; pelo contrário, estavam presentes diversos deuses em contexto social marcado pelo politeísmo. Cícero afirmava que os romanos, pelo fato de terem como guias e governo os deuses, eles eram superiores aos outros povos (*non enim, ut patrimonium relinquitur, sic ratio est homini beneficio deorum data*)³⁰. A veneração dos deuses era um dos deveres dos cidadãos em relação ao Estado, constituindo um elemento importante do direito romano. Tudo isso visava uma religião de salvação e de utilidade pública (*salus et utilitas publica*)³¹. Os cultos eram feitos nos templos pelos sacerdotes com celebrações e ritos religiosos aos deuses, com a sua participação e, por sua vez, esperavam do Estado paz, felicidade, prosperidade. Qualquer ação política bem como toda participação ao culto era expressão de lealdade aos deuses e ao próprio Império³². Nesse contexto religioso, politeísta, floresceu o cristianismo. Levanta-se a pergunta: por que o mundo antigo se converteu ao cristianismo e não permaneceu no contexto pagão ou seguiu a filosofia platônica ou ainda manifestou simpatia ao judaísmo? O que se sabe é que trinta anos após a morte de Jesus fala-se de mártires em Roma³³. Por isso, os cristãos já são identificados pelos pagãos.

²⁹ Cf. *Ibidem*, V, 21, 1.

³⁰ Cf. CICERONIS, M.T. *De Natura Deorum. Liber Tertius*, 28. Torino: Società Editrice Internazionale, 1941.

³¹ Cf. FRANK, K. S. *Manuale di Storia della Chiesa Antica*. Città del Vaticano: Editrice Vaticana, 2000, p.51.

³² Cf. *Idem*, p. 51.

³³ Cf. Primeira carta de Clemente aos Coríntios, VI,1. In: *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995.

No entanto, o Império considerava crime capital a adesão ao cristianismo. A nova religião era considerada uma “ofensa à religião e, sobretudo, à religião romana”³⁴.

Por não prestarem culto aos deuses e ao Imperador, os cristãos eram perseguidos como culpáveis de “sacrilégio e de ofensa à majestade do Imperador”³⁵. Tertuliano diz que os cristãos, por adotarem tal atitude, eram considerados, junto às massas populares, objeto de ódio e que, dessa forma, sofreram a condenação, por parte das autoridades. Por causa disso, Nero empreendeu uma feroz perseguição aos cristãos de Roma³⁶.

A realidade é que, no ano 64, Nero condenou um grande número de cristãos, pois corriam vozes de que seriam (os cristãos) os responsáveis pelo incêndio de Roma. Como essas (as vozes) atribuíam ao próprio Imperador tal ação, ele, para as abafar, mandou os cristãos à fogueira, acusando-os de serem os autores do incêndio³⁷. Tácito, um dos autores da divulgação do incêndio, sendo pagão, afirmava que os cristãos não eram os incentivadores de tal ação, o aspecto que Nero tanto frisou. Ele dá uma explicação sobre esse fato: os cristãos eram objeto de ódio pela população, de modo que a punição era uma espécie de retribuição aos crimes cometidos. A sua condenação refletiria a atitude de hostilidade frente ao resto do mundo³⁸.

Eusébio de Cesaréia fala que, no tempo de Domiciano, se promoveu uma perseguição, condenando à morte muitos cristãos e pessoas ilustres e confiscando bens de outras pessoas, tornando-se, após a sua morte, herdeiro de Nero pela sua hostilidade e impiedade para com Deus. Ele foi o segundo

³⁴ Cf. TERTULLIANO. *Apologetico*, a cura di A. R. BARRILE. Bologna: Mondadori, 1992, XXIV, 1: “Crimen laesae publicae et maxime Romanae religionis”.

³⁵ *Ibidem*, X,1: “Itaque sacrilegii et maiestatis rei convenimur”.

³⁶ *Ibidem* III, 1. O mesmo aspecto encontra-se em Tácito in: *Ab excessu D. Augusti XV*, 44,2: “quos per flagitia in visus vulgus christianos appellabat” ou seja, aqueles que eram odiados pelas suas ações iníquas eram chamados de cristãos. Cf. *I Pagani di fronte al cristianesimo, testimonianze dei secoli I e II*, 2. A cura di P. CARRARA. Firenze: Nardini Editore, 1984.

³⁷ Cf. JOSSA, G. *Il cristianesimo antico. Dalle origini al Concilio di Nicea*. Roma: Carocci Editore, 2000, p. 73.

³⁸ Cf. TACITO. *Ann.*, XV, 44, 4: *haud proinde in crimine incendii quam odio humani generis convicti sunt*. In: G. JOSSA. *Il cristianesimo antico. Dalle origini al Concilio di Nicea*, p. 74.

Imperador na perseguição contra os cristãos³⁹. Já em 110 ou 113, Plínio ao escrever para Trajano Imperador (98-117), dizia que a nova crença invadira, não só as cidades, mas também o mundo rural, as campanhas como contágio de uma superstição que pode transformar as pessoas.

Tendo presentes os pontos acima elencados, se, de um lado, é impossível aduzir um único motivo pelo qual os pagãos buscavam o cristianismo, de outro lado, é possível decifrar algumas causas que levaram as pessoas a assumirem essa nova religião:

A busca da verdade: é o desejo de todos os seres humanos, em todos os tempos⁴⁰. Jesus tinha dito que a verdade liberta as pessoas (cf. *Jo* 8, 32). Pilatos perguntara a Jesus: O que é a verdade? A afirmação do Senhor é que quem ouve a sua voz permanece na verdade (cf. *Jo* 18, 37-38). São Paulo afirma que o contrário da verdade é a mentira e que dever-se-ia permanecer longe dos mestres da mentira (*2 Tm* 4, 1-3). O gnosticismo também prometera levar as pessoas à verdade, mas era o conhecimento dos fenômenos, dos segredos do mundo invisível dos quais eles eram os eleitos; as demais pessoas não passavam à salvação. Para o cristão, a verdade é o Cristo, o Filho de Deus encarnado. A vida eterna é o conhecimento do verdadeiro Deus e o seu enviado, Jesus Cristo (cf. *Jo* 17, 1). Ele é a luz dos homens, mas eles não o reconheceram (cf. *Jo* 1, 5). Alguns autores converteram-se por essa busca da verdade contida no cristianismo, o Cristo, a presença de Deus. Justino de Roma fala da busca pela verdade. No relato de seu martírio, ele fala do abraço da doutrina verdadeira do cristianismo, seguindo os seus proclamadores, os cristãos. Antes, porém ele conta como foi a sua trajetória em busca da verdade. Ele se coloca nas mãos de um estóico, mas isso nada lhe adiantava na verdade, no conhecimento de Deus; depois passou para um peripatético, que acreditava ser um homem perspicaz; como isso não o ajudava, ele passou para um pitagórico e platônico. Um dia passeava ao longo do mar e encontrou um ancião que o persuadiu a ler os escritos dos profetas, homens bem-aventurados e amigos de Deus, bem como os dos apóstolos que escreveram sobre Jesus⁴¹. Tais coisas provocaram nele uma grande alegria capaz de deixar as doutrinas filosóficas e abraçar as cristãs. Clemente de

³⁹ Cf. EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*, III, 17.

⁴⁰ Cf. BARDY, G. *La conversión al cristianismo durante los primeros siglos* (original francês). Madrid: Encuentro, 1990, p. 110.

⁴¹ Cf. JUSTINO DE ROMA. *Diálogo com Trifão*, 8.

Alexandria foi uma outra pessoa que buscou a verdade: Cristo. Ele a encontrou nas palavras e na vida de Panteno, em Alexandria, sendo uma pessoa que sugava as flores do prado dos profetas e dos apóstolos, fazendo nascer nos ouvintes uma ciência imortal⁴². Tertuliano converteu-se ao cristianismo motivado pela verdade⁴³. Deus é o Deus *verus*; e a verdade é o objeto de ódio dos demônios. Os pagãos a recusam; os cristãos sofrem e morrem por ela; é a verdade que distingue os cristãos dos pagãos. Agostinho buscou a verdade e a encontrou no cristianismo.

A busca pela liberdade que vem do próprio Cristo. Essa é uma outra causa em vista da conversão cristã. O Império romano tinha a base de sua pirâmide na escravidão. Muitíssimas pessoas de diversos povos, uma vez subjugadas ao Império, serviam a um número de homens e mulheres livres, sem alguma esperança de tal condição ser modificada. Esse fenômeno não dizia respeito só aos escravos, mas também os homens livres podiam tornar-se escravos por causa das guerras e dos inumeráveis prisioneiros, vendidos como vis animais. Os escravos não possuíam nenhum direito, tanto na sociedade como na vida religiosa do mundo pagão, de modo que a sua dignidade como pessoa humana vinha recusada. Esse mundo de escravidão e de escravos encontrou, no cristianismo, a liberdade da alma, uma certa igualdade dos direitos religiosos com os seus senhores. São Paulo fala da submissão dos escravos aos seus senhores, mas também da liberdade da escravidão, da possibilidade de uma vida digna (cf. *Cl* 3, 12; *Ef* 6, 3 e 5). Nas participações litúrgicas, nas celebrações eucarísticas, os escravos se sentiam livres, mesmo estando ao lado de seus patrões, porque recebiam o mesmo dom, o pão consagrado, ainda que ele continuasse depois na mesma condição de escravo⁴⁴. Percebe-se o valor da liberdade que vem de Jesus Cristo para todo o povo que não podia ter direitos mesmo diante de suas palavras: “A verdade vos libertará” (*Jo* 8, 3). Para o escravo, essas palavras soavam em um tom de muita alegria, pelo fato de ele se sentir livre na comunidade cristã. O próprio batismo que fala da superação do pecado e da liberdade em Jesus Cristo possibilitava uma nova visão para todos aqueles e aquelas que estavam nessa condição, não só estando livres da

⁴² Cf. CLEMENTE ALESSANDRINO. *Gli Stromati, note di vera filosofia*, 1, 1, 11. Introduzione, Traduzione e Note di G. PINI. Milano: Paoline, 1985.

⁴³ Cf. TERTULLIANO. *Apologetico*, XX1,10.

⁴⁴ Cf. BARDY, G. *La conversione al cristianesimo nei primi secoli*. Milano: Jaca Book, 1994, p. 142.

servidão, mas também da liberdade interior, do pecado, das más inclinações. Os padres em si eram contrários à escravidão.

O martírio. Esse foi um outro fator que possibilitou a conversão do paganismo ao cristianismo, por parte de muitas pessoas. Diversas são as testemunhas que atraíram pessoas e iniciaram uma nova caminhada de fé. Tertuliano dizia: *Semen est sanguis christianorum*. “É semente o sangue dos cristãos”⁴⁵. Essa palavra possibilitou a adesão de mais pessoas. “Tornamo-nos mais numerosos, quando somos ceifados por vós”⁴⁶. O martírio de Policarpo traz elementos de adesão ao seguimento de Cristo vivida intensamente. Quando o Procônsul pediu para jurar para César, ele disse que ele era cristão, portanto seguidor de Cristo. O seu ato supremo de entrega de sua vida a Jesus Cristo chamou a atenção da multidão ali presente, que era como um pão que assa, ouro brilhando na fomalha. Aquele que presenciou o ato e o transmitiu às comunidades diz também: “Sentimos então um perfume semelhante a baforada de incenso ou a outro aroma precioso”⁴⁷. O martírio de Justino de Roma, sob Marco Aurélio, em 165, atraiu muitas pessoas. Ele teve respostas bem precisas diante de Rústico, o prefeito da cidade, ao afirmar que ninguém pode receber censuras por obedecer a Nosso Senhor Salvador Jesus Cristo, por acreditar nele, como Filho de Deus, Senhor, anunciado pelos profetas e encarnado e por ter abraçado a fé cristã. O martírio de Felicidade e de Perpétua, em 203, na cidade de Cartago, foi bastante comovente pela multidão ali presente. A parte final do relato de quem escreveu e presenciou (Tertuliano) coloca o martírio como escolha para Jesus. Já o martírio de Cipriano, bispo de Cartago, em 258, tem também presentes pessoas que se comoveram pela forma da sua entrega. Ele foi bastante firme diante das perguntas do Procônsul Galério Máximo. Ele não sacrificaria, seja ao Imperador, seja aos deuses, mas somente a Deus em Jesus Cristo. Quando foi pronunciada a sentença de morte, pela espada, ele teria dito: *Deo Gratias* (Graças a Deus)⁴⁸. O martírio era uma ocasião que levava pessoas à conversão, porque

⁴⁵ Cf. *Idem*, L, 15.

⁴⁶ *Ibidem*.

⁴⁷ MARTIRIO DE SÃO POLICARPO, 15, 2.

⁴⁸ Cf. *As atas proconsulares sobre o martírio de São Cipriano*. (Acta, 3-6: CSEL 3, 112-114). Ver também: *Liturgia das Horas*, IV. São Paulo: Vozes, Paulinas, Paulus, Ave-Maria, p. 1289.

trazia sofrimentos e entrega de suas vidas a Jesus. O martírio era visto como uma imitação do fiel a Jesus até às últimas conseqüências pela sua paixão, morte e a esperança na ressurreição⁴⁹.

A acusação de intelectuais pagãos de que os cristãos não estavam integrados ao Império possibilitou as perseguições e adesões ao cristianismo. Luciano de Samosata achava o martírio algo pomposo, sem nenhuma força interior que pudesse modificar a vida das pessoas. Epiteto considerava os mártires outra forma de escravidão. Galeno, médico, filósofo na época de Marco Aurélio e Cômodo, considerava a fé dos cristãos, não uma verdadeira sabedoria, mas credice. Plínio, o jovem, que escrevera para Trajano pensava que, julgando os cristãos e, às vezes, pondo-os em castigo, pudesse barrar a divulgação do cristianismo, fato que não ocorreu na história da missão. Todos esses autores consideravam o cristianismo uma superstição (*superstitio*). Na realidade, a religião era, para os romanos, algo integrante dos costumes e do patrimônio nacional (*mos maiorum*), de modo que são superstições todas as formas e práticas culturais que não correspondam àquela transmitida pelos antepassados e que não possuam uma admiração pública⁵⁰. Assim a divulgação do cristianismo era algo novo que possibilitou uma mudança de vida nas pessoas, a alegria da doação para os outros e a caridade fraterna.

3 Pessoas empenhadas na missão

A missão, nos primeiros dois séculos, foi assumida por muitas pessoas, não só por aqueles que tivessem um determinado estudo ou eram enviados pela comunidade apostólica, mas também por pessoas humildes com pouco conhecimento. No entanto, elas não deixavam de divulgar o que aprenderam pelo evangelho de Cristo Jesus.

Paulo coloca um elenco grande de pessoas, no final da Carta aos romanos, onde ele agradece às pessoas que acolheram a sua mensagem ou ainda podiam constituir-se seus ajudantes no anúncio da evangelização (cf. *Rm* 16). Em outras cartas, ele relata a presença de colaboradores como profetas, apóstolos, mestres e evangelistas (*1 Cor* 12, 28; *Ef* 4, 11); estes

⁴⁹ Cf. CORBELLINI, Vital. *O martírio na Igreja antiga*. Porto Alegre: EST edições, 2007, p. 13.

⁵⁰ Cf. JOSSA, G. *Il cristianesimo antico. Dalle origini al Concilio di Nicea*, p. 80.

também ajudaram a propagação da fé cristã, de modo a poder dizer: “O evangelho está presente em todo o mundo, a fé se espalha em todos os lugares” (Cl 1, 6.23; 1 Ts 1, 8).

O anúncio da fé em Cristo não era algo organizado pela própria Igreja, mesmo porque não podia fazer um controle, seja pela autoridade da Igreja, seja por uma equipe responsável. Se havia grandes mestres livres que tinham discípulos e fundaram Escolas, como Justino em Roma, Panteno, Clemente e Orígenes, em Alexandria, e Tertuliano, no Norte Africano, havia também pregadores itinerantes que assumiam com alegria a missão de propagar o evangelho de Cristo. A Didaqué fala de missionários (apóstolos e profetas), que passavam de comunidade em comunidade, de modo que a comunidade deveria recebê-los bem, como o Senhor Jesus, sem no entanto, ficar por muito tempo, porque eles deveriam ganhar o pão com o suor de seu rosto⁵¹.

Orígenes fala de muitos que percorriam, não só as cidades, mas também as aldeias e sítios para trazerem as pessoas à piedade de Deus. Eles não realizavam tais coisas para se enriquecer, porque eles se contentavam com o indispensável, e muitos partilhavam com eles o que era supérfluo⁵². Também Eusébio de Cesaréia fala da existência de um grande número de evangelizadores da Palavra, empenhados em imitar os apóstolos, porque tinham em mente propagar e implantar a palavra divina. Esse dado, proveniente do historiador, coloca o cristianismo, a doutrina da salvação, chamada por ele de raio de luz que ilumina a terra inteira. Em toda a terra, ressoou a cruz dos divinos evangelistas e apóstolos e também a sua linguagem (cf. Sl 18, 5). Em todas as cidades e aldeias, estabeleciam-se grandes igrejas, cheias de fiéis. Ele fala de libertação das pessoas de pesadas cadeias, por virtude de Jesus, bem como da doutrina e dos milagres de seus discípulos. Os fiéis rejeitavam o politeísmo diabólico, confessavam existir um só Deus, Criador de todas as coisas e honravam-no segundo normas que Nosso Senhor difundiu no gênero humano. Ele tem presente a graça divina que se espalhou pelas nações. Quando a sua presença apareceu como luz a todos os homens, foi constituído um novo povo, não mais situado em um determinado local, mas em todas as gentes porque amparado

⁵¹ Cf. DIDAQUÉ, 11. In: *Padres Apostólicos*.

⁵² Cf. ORÍGENES. *Contra Celso*, III, 9. São Paulo: Paulus, 2004.

pela ajuda de Deus e pelo nome de Cristo⁵³. Em Cesaréia da Palestina (cf. *At* 10, 1-48), Cornélio, com toda a sua casa, abraçou a fé em Cristo através do ministério de Pedro. Em Antioquia, grande número de pessoas acreditavam em Cristo pela palavra de Pedro. Assim, a Igreja da Antioquia florescia e crescia em número; foi ali que, pela primeira vez, os seguidores de Cristo chamaram-se de cristãos (cf. *At* 11, 19-26). Eusébio diz que os apóstolos e os discípulos foram dispersos pela terra inteira por causa do evangelho. Ele fala de alguns deles; Tomé, conforme a tradição, anunciara a Pártia, André a Silícia, João a Ásia, tendo morrido em Éfeso⁵⁴. Pedro pregou aos judeus da diáspora, no Ponto, na Bitínia, na Capadócia e na Ásia (cf. *1 Pd* 1, 1). Mais tarde fora para Roma, onde recebeu a crucificação de cabeça para baixo, conforme o seu desejo. Paulo propagou o evangelho de Cristo por diversas regiões do mundo e foi martirizado sob Nero⁵⁵.

4 O cristianismo nas diversas regiões do Império

Se a missão aconteceu de uma forma geral, no contexto imperial, essa se encarnou nas diversas regiões e províncias. Por isso é preciso ver com melhores detalhes nos povos o anúncio do evangelho de Jesus.

1 *Palestina*

É certo que a guerra judaica (66-73) comportou o fim da comunidade em Jerusalém. Eusébio de Cesaréia diz que os judeu-cristãos emigraram para Pela, território além do Jordão. Ele tem presente que essas coisas foram referidas, através de uma profecia proveniente de uma revelação realizada a algumas pessoas mais ilustres da cidade, de modo que eles receberam a ordem de abandonar a cidade antes da guerra, para ir à região da Peréia, chamada Pela. Fugiram de Jerusalém os fiéis de Cristo, abandonando, dessa forma, toda a terra da Judéia. Ele via isso como um desígnio da justiça de Deus, no caso da invasão de Jerusalém, por parte dos romanos, por eles não terem acolhido o Salvador⁵⁶.

⁵³ Cf. EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*, I, 4, 1-2.

⁵⁴ Cf. *Idem*, III, I, 1, 1.

⁵⁵ Cf. *Ibidem*, III, I, 1-3.

⁵⁶ Cf. *Ibidem*, III, 5, 3.

2 Síria

Antioquia tornou-se desde cedo a base da nova missão dos seguidores do Nazareno. Foi também nessa cidade que eles foram chamados de cristãos (cf. *At* 11, 26). Ali houve tensões entre os cristãos de origem pagã e judaica. O fato era que os novos crentes vinham do mundo dos não-circuncidados, de modo que se tornava fácil para os pagãos distingui-los dos demais judeus⁵⁷.

3 Egito

Paulo fala em um certo Apolo, seu colaborador, originário de Alexandria (cf. *1 Cor* 3, 5ss). Eusébio traz o dado que foi Marcos o fundador dessa comunidade, com fortes raízes no contexto neotestamentário. Ele teria sido o primeiro a ser enviado ao Egito para anunciar o evangelho que havia escrito. Ele fortaleceu a Igreja de Alexandria com a construção de templos⁵⁸. Essa comunidade realizou uma intensa preparação ao catecumenato, no século III, sob a coordenação de Panteno, Clemente, Orígenes e outros que vieram para dar-lhes uma característica de formação cristã.

4 Norte da África

Os inícios da Igreja da África ainda são incertos. Porém, trouxe à literatura e à teologia cristã da Antiguidade uma contribuição mais importante que a da Igreja de Roma. Deu ao cristianismo latino o pensador mais original do período antinicensino, Tertuliano, além do bispo mártir, Cipriano, e os teólogos leigos Arnóbio e Lactâncio.

A tradição diz que a África tinha recebido o evangelho de Roma, porém nos faltam informações a respeito da fundação dessa Igreja. Porém, existem razões as quais informam que, tanto em África como em Roma, o Evangelho foi primeiro anunciado em grego. Sabe-se, por exemplo, que Tertuliano publicou quatro de suas obras primeiramente em grego, os tratados: *De Spectaculis*, *De Baptismo*, *De Virginibus velandis* e *de Corona militis*⁵⁹.

⁵⁷ Cf. PIERINI, F. *A Idade Antiga. Curso de História da Igreja I*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 54.

⁵⁸ Cf. EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*, II, 16.

⁵⁹ Cf. QUASTEN, J. *Patrologia*. Vol. 1. Casale: Marietti, 2002, p. 490.

Lá pelos anos de 180 (17/07) houve o martírio de doze fiéis, em Cartago. Eram sete homens e cinco mulheres. Os Atos do seu processo testemunham o primeiro documento cristão em língua latina. Um deles carregava consigo, numa *capsa*, (caixa), os livros com as Epístolas de Paulo, um homem justo (*Libri et Epistulae Pauli viri justii*)⁶⁰. Tudo isso demonstra que a Igreja africana estava anunciando a palavra de Deus nas comunidades, de modo a tornar-se vida para aquele povo.

Tertuliano parece ser o autor da *Passio Perpetuae et Felicitatis*, que foi publicada nas línguas grega e latina. Esses diversos mártires colocam a situação de uma Igreja bastante atuante, dinâmica. Mas não podemos esquecer que a Igreja africana foi uma Igreja muito perseguida: foi uma Igreja que teve que lutar contra os inimigos externos, as perseguições sanguinolentas, e também internos, através das controvérsias heréticas. A rápida expansão do cristianismo nessa região foi paga ao preço exorbitante de muitos mártires. Por isso o célebre aforismo de Tertuliano: “*Semen est sanguis christianorum*”⁶¹ vinha carregado de um certo fundamento⁶².

5 O cristianismo na Itália

São Paulo fala de cristãos em Roma (cf. *Rm* 1, 10.13). Certamente a forma como o cristianismo chegou em Roma não foi obra dos apóstolos, mas através de imigrantes cristãos. A comunidade romana tinha orgulho de pertencer à Capital do Império romano. Por isso mesmo, ela é digna de louvor, de sucesso e ser aquela que preside ao amor⁶³. Essa cidade recebeu o filósofo Justino, que depois se tornou mártir, Minúcio Félix, Hipólito e, no tempo do bispo Cornélio (251-253), havia outras comunidades fora de Roma. Eusébio fala que o bispo de Roma, Cornélio, convocou um Concílio (em Roma), onde apareceram sessenta bispos e um grande número de presbíteros e diáconos. Os pastores analisaram, conforme a região, os problemas, as dificuldades e as suas resoluções. Foram considerados fora da comunhão da Igreja, Novaciano, Novato e os seus seguidores. Quanto

⁶⁰ Cf. *Acta Martyrum Scilitanorum*, 12. In: *Acti e Passioni dei martiri*. A cura di A.A.R. BASTIAESEN; A. HILHORST; G.A.A. KORTEKAAS; A.P. ORBÁN; M. M VAN ASSENDEL. Rocca San Casciano: Mondadori Editore, 2001, p. 102-103.

⁶¹ Cf. TERTULLIANO. *Apologetico*, L, 13.

⁶² Cf. QUASTEN, J. *Patrologia*. Vol. 1, p. 492.

⁶³ Cf. INÁCIO AOS ROMANOS. *Saudação*. In: *Padres Apostólicos*.

aos irmãos, que caíram na infelicidade ou que se uniram ao presbítero Novaciano, era preciso curá-los pelo remédio da penitência⁶⁴.

6 *O cristianismo na Gália*

A Gália não teve inícios na evangelização com a presença de algum apóstolo. No fim do século II registram-se traços cristãos de imigrantes da Ásia Menor os quais fundaram comunidades em Vienne e Lião. Justamente essas comunidades sofreram perseguições lá pelo ano 178. Eusébio traz presente o relatório dos mártires dessas Igrejas enviados às Igrejas da Ásia e da Frígia. Os cristãos sofreram inúmeras crueldades, sendo batidos, arrastados pelo chão, apedrejados, encarcerados juntos. Se nem todos estavam preparados para o testemunho, isto é, o martírio, outros foram incapazes de sustentar a tensão de um forte combate. Esse relatório traz o depoimento de uma jovem chamada Blandina, muito fraca no corpo, mas forte na fé, a tal ponto que cansou e desanimou os que se alternavam para torturá-la de manhã até à tarde. Alguns morreram nas prisões, outros nas torturas. Cristo foi exaltado pelas pessoas que deram as suas vidas por ele. A própria Blandina foi sacrificada, e os pagãos ficaram impressionados que uma mulher tivesse sofrido tamanhas e tão numerosas torturas. Eles tinham a esperança na ressurreição, de modo a desprezar os suplícios, estando prontos a enfrentar a morte com alegria⁶⁵. Alguns, que não chegaram ao martírio, foram considerados confessores. Esse relatório fala de Jesus como o mártir fiel e verdadeiro, o primogênito dentre os mortos, o príncipe da vida. Aqueles que entregaram a vida por Cristo eram tratados como mártires, após ter gravado neles o selo do martírio através da morte. No entanto, os confessores consideravam-se pequenos e humildes confessores, porque não chegaram à palma do martírio, ainda que tivessem proferido a sua fé diante das autoridades⁶⁶.

7 *Alemanha*

Ireneu tem presente cristãos das comunidades nas províncias alemãs. Ele afirma que uma mesma fé está sendo pregada em todos os lugares, ainda que a Igreja esteja espalhada por todo o mundo, de modo que também

⁶⁴ Cf. EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*, VI, 43, 2.

⁶⁵ Cf. *Idem*, V, 1-60.

⁶⁶ Cf. *Ibidem*, V, 3.

na Alemanha a missão ganhava realce nas pessoas que aderiam ao cristianismo⁶⁷.

Nesses países, a missão ganhou valor, porque muitos viviam na radicalidade do evangelho, a palavra de Jesus. Dessa forma, o mundo antigo assumiu a doutrina cristã.

Concluindo...

A compreensão da missão na Igreja tem o seu sentido em Jesus. Ele é o missionário do Pai. Veio anunciar a todos a misericórdia, o amor divino. Ele convoca todos à fraternidade, ao amor entre as pessoas e povos. Por isso mesmo, ele constituiu discípulos e os envia ao mundo para proclamar as verdades sobre a sua pessoa, o Reino de Deus, a vida, o amor do Pai e a alegria do Espírito Santo. A missão cristã, nos primeiros dois séculos, alcançou praticamente os confins do Império, de modo que muitos assumiram a mensagem de Jesus com disposição de espírito. É claro que a missão sofreu, por parte dos seguidores de Jesus Cristo, perseguições, incompreensões, mortes. Porém, ela transformou a vida de muitas pessoas, homens e mulheres, porque encontraram, na mensagem evangélica, a alegria de doar a vida, servir e amar Jesus nas pessoas. A missão de Jesus não pára no tempo, porque vem amparada por Deus Pai e iluminada pelo Espírito Santo.

⁶⁷ Cf. IRENEU DE LIÃO. *I, 10, 2*. São Paulo: Paulus, 1995.